



“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL

“I LIKE A MAN WITH THE WAY OF A MAN”: THE CONFIGURATIONS OF DESIRE, ATTRACTION AND SEXUALITY IN THE SEARCH FOR IDEAL MASCULINITY

“ME GUSTA UN HOMBRE A LA MANERA DE UN HOMBRE”: LAS CONFIGURACIONES DEL DESEO, LA ATRACCIÓN Y LA SEXUALIDAD EN LA BÚSQUEDA DE LA MASCULINIDAD IDEAL

Aparecido Francisco dos Reis¹, Angelo Luiz Ferro², Felipe de Moraes Rodrigues³

e321192

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1192>

RESUMO

Este texto é parte do projeto de pesquisa sobre a erótica dissidente nos grupos de mulheres lésbicas, homens *gays*, transexuais e travestis em Campo Grande-MS. O objetivo geral do projeto foi investigar a afetividade, o desejo, a atração, a sexualidade e a corporalidade nesses grupos sociais. No entanto, o artigo a seguir delimita essa discussão ao âmbito de nove (9) homossexuais masculinos entre 25 e 35 anos, entrevistados durante os anos de 2018 e 2019. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas. Os resultados demonstraram que a visão de mundo dos homens *gays* entrevistados sobre o corpo, desejo, atração e sexualidade está em conformidade com o padrão de masculinidade vigente na sociedade local e de certo modo, consonante ao processo sociocultural predominante no mundo ocidental nos últimos dois séculos, como se pôde perceber pela pesquisa e pela literatura acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Homens *gays*. Virilidade. Afetividade. Masculinidade hegemônica.

ABSTRACT

This text is part of the research project on dissident eroticism in groups of lesbian women, gay men, transsexuals and transvestites in Campo Grande-MS. The general objective of the project was to investigate affectivity, desire, attraction, sexuality and corporeality in these social groups. However, the following article delimits this discussion to the scope of nine (9) male homosexuals between 25 and 35 years old, interviewed during the years 2018 and 2019. The methodology used was field research with semi-structured interviews. The results showed that the world view of the gay men interviewed about the body, desire, attraction and sexuality is in accordance with the current pattern of masculinity in the local society and, in a way, in line with the sociocultural process prevailing in the western world in the last two centuries, as can be seen from the research and literature on the subject.

KEYWORDS: Gay men. Virility. Affectivity. Hegemonic masculinity.

RESUMEN

Este texto forma parte del proyecto de investigación sobre el erotismo disidente en grupos de lesbianas, gays, transexuales y travestis del Campo Grande-MS. El objetivo general del proyecto fue investigar la afectividad, el deseo, la atracción, la sexualidad y la corporalidad en estos grupos sociales. Sin embargo, el siguiente artículo delimita esta discusión al ámbito de nueve (9) hombres homosexuales entre 25 y 35 años, entrevistados durante los años 2018 y 2019. La metodología utilizada fue la investigación de campo con entrevistas semiestructuradas. Los resultados mostraron que la cosmovisión de los hombres homosexuales entrevistados sobre el cuerpo, el deseo, la atracción y la sexualidad está de acuerdo con el patrón actual de masculinidad en la sociedad local y,

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

en cierto modo, en línea con el proceso sociocultural imperante en occidente. mundo en los últimos dos siglos, como se desprende de la investigación y la literatura sobre el tema.

PALABRAS CLAVE: *Hombres homosexuales. Virilidad. Afectividad. Masculinidad hegemónica.*

INTRODUÇÃO

Este texto é parte do projeto de pesquisa sobre a erótica dissidente entre Lésbicas, gays, transexuais e travestis de Campo Grande-MS. O objetivo geral do projeto foi investigar a afetividade, a sexualidade e a corporalidade nesses grupos sociais. Em outros artigos (REIS, 2019; REIS; CAMPOS, 2021, REIS; SILVA, 2020), apresentou-se os resultados das pesquisas com os demais segmentos. O artigo aqui apresentado vai analisar, por meio de entrevistas com homens gays, a concepção de masculinidade e corporeidade e as políticas do desejo e da sexualidade.

O texto partirá da concepção de atração, desejo e de corpos desejáveis. Pensará o corpo, a sexualidade e as definições de gênero organizados a partir do processo sociocultural vigente no período contemporâneo, ao que Giddens (2002, p. 21) denomina como instituições da época moderna ou da alta modernidade, que se inicia no século XVI, mas que se torna mundial em seus impactos, nos últimos dois séculos. Trará discussões de leituras acerca de Kimmel, Connell, Miskolci, Foucault, Butler e outros estudiosos com o objetivo de elucidar o tema da masculinidade hegemônica e das normas e regulações sobre o corpo, gênero e sexo. Após esta revisão bibliográfica, apresenta-se os resultados da pesquisa de campo, a partir de entrevistas semiestruturadas de nove sujeitos contatados em boates gays, academias de musculação e no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia escolhida partiu do pressuposto que a revisão de literatura foi um pré-requisito para a realização da pesquisa, pensada como um conjunto ordenado de procedimentos por busca de soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não foi aleatória.

Minayo (1994) afirma que a pesquisa deve ser um caminho no qual o pesquisador tem a preocupação e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. A autora entende que a pesquisa é uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta uma carga histórica e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 1994, p. 23).

Pensando nessas aproximações com a realidade, a pesquisa de campo foi realizada com homens gays entre 20 e 35 anos, por meio de observações preliminares em academias, casas noturnas e no campus universitário. Após a delimitação desses campos, se definiu sobre o início das entrevistas. O primeiro contato se deu dentro do campus da UFMS com estudantes participantes do Laboratório de Estudos da Violência, Gênero e Sexualidade, grupo de estudo coordenado por um dos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

autores do artigo, a partir do círculo de relações destes acadêmicos, outros sujeitos foram por eles indicados e estes acabaram indicando os demais entrevistados.

A entrevista é definida por Haguette (1997, p. 86) como um “*processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado*”. A entrevista é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo, quando o pesquisador quer saber acerca dos valores, das atitudes, das opiniões e visões de mundo dos sujeitos, sempre considerando o contexto social no qual essas categorias são produzidas.

As entrevistas funcionaram como meio de aproximação e afeto com os colaboradores deste trabalho, pois a partir do momento em que a pergunta foi feita pelo pesquisador, há a quebra da tensão inicial, e desta feita, os sujeitos sempre tímidos no início das conversas e com receio de parecer preconceituosos e imprecisos em suas colocações, puderam expressar sua visão acerca do assunto, depois de estabelecer uma conversação mais informal sobre afetividade no mundo *gay*, moda, música e assuntos variados ou que não tivessem relação com a pesquisa. As conversas informais não foram consideradas nesta análise. No texto, foram utilizados pequenos trechos das entrevistas formais que contribuíram para o entendimento das visões dos sujeitos sociais informantes sobre o corpo, o desejo, a atração e a sexualidade, mas a questão da homofobia acabou aparecendo em dois relatos mais explicitamente. Essas categorias foram analisadas a partir da bibliografia que havia sido previamente escolhida, como Foucault e Butler, mas outras foram sendo adicionadas a partir da análise do material coletado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A existência humana parece ser determinada por um corpo físico e biológico, mas ao contrário de outras espécies que compartilham a vida no planeta Terra, o corpo humano não nasce especializado e preparado para existir no mundo natural. Desprovido de um mundo natural, onde se possa viver de forma pré-determinada, o corpo humano só pode ser pensado enquanto parte de um processo histórico, social e cultural relativo ao tempo e ao espaço. É no mundo sociocultural que o corpo ganha significado e compreensão em todas as suas dimensões, assim, uma das dimensões mais significativas dos corpos humanos, são a atração, o desejo e a sexualidade.

Neste texto, entende-se a atração, o desejo e a sexualidade entre homens gays como manifestações intrínsecas ao corpo, e estas terão, também, diferentes configurações de acordo com o momento histórico e as ideologias que o acompanham. Desta feita,

Só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável (WEEKS, 2010, p. 43).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

Ao pensar conceitualmente na palavra corpo, faz-se uma alusão direta ao biológico, ou seja, um abrigo de órgãos e que determina diretamente a existência, assim sendo, o corpo é visto como receptáculo da vida, condição necessária para a vida. Não se nega essa atribuição do corpo, haja vista que todos os seres interagem com o meio ambiente através dessa unidade orgânica. Porém, a relação com o corpo não se dá somente a partir dessa relação entre organismos biológicos, mas também, baseado nas relações estabelecidas socialmente e culturalmente em determinadas épocas da história e da sociedade.

Assim sendo, o corpo ganha um significado socialmente estabelecido e esse significado será permeado por definições daquilo que será permitido e aceito no que concerne ao corpo e as manifestações deste. Foucault (1998) diz que o corpo ganha forma em sua relação com os mecanismos de poder que estão presentes nas práticas sociais e nos discursos, constituindo, desta feita, subjetividades no que se refere a relação e a função desse corpo, dando início ao controle social,

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política (FOUCAULT, 1998, p. 80).

O significado do corpo está para além do seu sentido biológico, tendo uma explicação social e política, as significações que são atribuídas a ele, assim como a sexualidade, são historicamente e socialmente organizados, “*sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que deve ser e o que ele poder ser* (WEEKS, 2010, p. 43)”, ou seja, é muito mais que simples local para depositar vísceras, tecidos, de características fenotípicas e genotípicas, que vão definir determinados sujeitos, o corpo vai ser constituído como composto de significações, ideias e imagens, heterogêneas e derivadas das ideologias e instituições de uma época objetiva, que o corporificam e lhe conferem um sentido.

Assim, a verdade deve ser buscada, antes no corpo, haja vista que ele é o *locus* que estão inscritas todas as relações de poder, as diferenças entre os gêneros, suas performances e a política da atração e do desejo entre os homens *gays*.

As noções teóricas sobre atração e desejo são amplas e variadas, dificultando a obtenção de um resumo conciso de todas as fontes que as constituem. Na esfera da homossexualidade masculina, os esquemas de atração também são diversos, mas uma estética corporal domina as situações sexuais e relacionais acima de outras. Os homens *gays* frequentemente procuram outros homens que possuam tipos de corpos musculosos, magros e atléticos. As razões pelas quais os homens *gays* são atraídos e, em essência por um físico magro e atlético, podem ser atribuídas à onipresença da masculinidade hegemônica na sociedade e na cultura predominantemente heterossexual. Sua internalização por homens *gays* estimula a atração por corpos que simbolizam e representam uma masculinidade marcadamente heterossexual.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

Pesquisas sobre anúncios pessoais publicados em aplicativos de encontros *gays* como o *Hornet*, *Scruff* e *Grindr*, apontam que a aparência física e a ideia predominante de masculinidade institucionalizada são as principais características usadas para atrair outros homens (MISKOLCI, 2012; SOUZA JUNIOR, 2019; COUTINHO, 2020; MELO; SANTOS, 2020). Os homens *gays* estão mais interessados nas características físicas dos parceiros em potencial e a linguagem usada é específica para os critérios corporais solicitados. Os homens *gays* preferem homens magros, proporcionais, musculosos e atléticos (em forma) (LIMA, 2017; SILVA, 2018; NUNES, 2019). O esquema de atratividade do parceiro segue o paradigma da masculinidade heterossexual, tendo músculos, peso, altura e estrutura corporal como parâmetros para selecionar um parceiro.

Em sua pesquisa sobre os desejos sexuais entre homens em mídias digitais, Miskolci (2017) descreve como a heterossexualidade é extremamente desejada por homens de classe média e classe média alta que buscaram, nos aplicativos, uma forma de vivenciar seu desejo com “discrição”. As expressões ser “discreto”, “macho”, “*brother*” e “fora do meio” representam um valor importante nessa visão de mundo, já que levam uma vida social “hétero”, mas, “em segredo”, mantém relações sexuais com outros homens. Ser um “homem de verdade” implica na existência de um corpo com uma performance pública heterossexual, viril e máscula, cumprindo os mandatos da masculinidade hegemônica, ao passo que ser um homem declaradamente *gay* e afeminado indica um status social inferior. O “segredo” reúne a capacidade de experimentar o desejo por outros homens e, ao mesmo tempo, não perder suas credenciais sociais masculinas. Ser publicamente heterossexual é uma espécie de imperativo, e enfrentar esse regime regulatório da visibilidade dos desejos e afetos pode ter custos sociais altos. Para o autor, pelo seu caráter de escolha e incitação a uma estética masculina heteronormativa, os aplicativos de encontros entre homens *gays*, tendem a transformar a busca amorosa em sexual, lançando os usuários numa teia de negociações de capitais diversos (corporal, cultural, simbólico), que antecede o sexo entre os interlocutores dos aplicativos, tais como: “Você tem local? É ativo ou passivo? É assumido ou na encolha?”.

Esse comportamento tenta se adequar aos princípios e valores da masculinidade institucionalizada na sociedade e revela a ideia que define desejos, prazeres e afetos, ligados à uma concepção de um corpo masculino que performatiza a firmeza dos gestos, a gravidade da voz e a segurança permanente da virilidade.

No entanto, a definição de masculinidade pensada neste artigo, é fluida e seu significado muda dependendo das circunstâncias que definem o tempo para sua composição. A masculinidade é moldada por constelações socioculturais que continuamente moldam suas construções em áreas da sexualidade e do gênero. Como Connell (1992, p. 736-737) aponta ao fazer referência ao estudo do Homem Lobo de Freud, a masculinidade é bastante complexa; suas raízes e fundamentos estão repletos de experiências e formulações que muitas vezes parecem contraditórias por natureza. A lógica e a razão não são os modos automáticos de sua operação. Na cultura ocidental, os conceitos de masculinidade sustentam que os homens não devem ser emotivos ou comunais na orientação, mas sim independentes e menos expressivos de seus estados emocionais. Nesse sentido, os homens devem ser projetivos e instrumentais em contextos comportamentais e cognitivos. MS Kimmel (1997, p. 230) observou que, historicamente, os impulsos para ser masculino sempre foram motivados pela necessidade de estabelecer limites



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

discretos e distintos do feminino. Essa ação põe de lado a compaixão, a ternura e o cuidado e internaliza as posturas agressivas, independentes e ameaçadoras das normas comportamentais masculinas. Dentro dos princípios de masculinidade também residem noções de hegemonia. Gramsci (1999, p. 146) estabelece a definição de hegemonia como um grupo cultural substituindo outro em domínio e expressando sua ideologia com um sistema de regras abrangentes. Consequentemente, a hegemonia é fixada como uma luta complexa entre coerção e consentimento, e ocorre em múltiplos níveis na sociedade - no cultural, visual, político e ideológico

Quando essa definição é analisada em conjunto com roteiros de masculinidade, um entendimento mais amplo é derivado de quão imensamente influente é seu alcance nas construções e nas performances de gênero.

Uma das características fundamentais da masculinidade, como estrutura de poder, é sua invisibilidade como conjunto de normas, valores, expressões, papéis que definem o que um homem deve ou não ser em nossa sociedade. A masculinidade parece adquirir notoriedade apenas quando aparece em um corpo que não é o do homem branco heterossexual de classe média. Nesse sentido, MS Kimmel (2005), argumenta que os homens vivem como se não tivessem gênero. Exemplifica essa invisibilidade e sua relação com a resistência dos homens em transformar suas práticas de gênero, a partir de uma anedota bastante ilustrativa, sobre um encontro entre uma mulher branca e uma mulher negra. Esta última pergunta:

“When you wake up in the morning and look in the mirror,” she asked the white woman, “what do you see?” “I see a woman,” responded the white woman hopefully. “That’s the problem,” responded the black woman. “I see a black woman. To me, race is visible, because it is how I am not privileged in society” (KIMMEL, 2005, p. 106).¹

Kimmel ilustra com isso, a ideia de que os privilegiados não sabem como ou por que são privilegiados. E diz: *“When I wake up and look in the mirror, see a human being—the generic person. As a middleclass white man, I have no class, no race and no gender. I am universally generalizable. I am everyman”* (KIMMEL, 2005, p. 106)²

Assim pensado, a masculinidade não aparece apenas como elemento hierárquico do par binário de gênero (masculino/feminino), mas também se posiciona como representante da totalidade da humanidade, como o universal que fala, olha, julga e decide. Assim, quando um homem fala, se atende às características da masculinidade normativa (masculino, heterossexual, branco, classe média/alta), parece que o faz em nome de todos os seres humanos. E isso também é um privilégio naturalizado, por isso, quando tentamos fazer com que os homens se pensem como sujeitos de

¹ Tradução livre: “Quando você acorda de manhã e se olha no espelho”, ela perguntou à mulher branca, “o que você vê?” “Eu vejo uma mulher”, respondeu a mulher branca esperançosa. “Esse é o problema”, respondeu a negra. “Eu vejo uma mulher negra. Para mim, a raça é visível, porque é assim que não sou privilegiado na sociedade”.

² Numa tradução aproximada, Kimmel quis dizer que antes das conversas com pessoas negras, se olhava no espelho, via um ser humano, sem raça, classe ou gênero: um sujeito universal. A partir dessa conversa, começou a se pensar como um homem branco de classe média. Kimmel entendeu que raça, classe e gênero também tinham a ver com ele, a partir de então.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

gênero, situados, com interesses parciais e responsabilidades específicas, eles não sabem fazer, não querem fazer, sentem-se desafiados e questionados. Essa reação, embora muitas vezes inconsciente, é uma forma de defender o privilégio de ser considerado um sujeito universal, é o privilégio de que seus privilégios não sejam visíveis ou ameaçados.

A masculinidade hegemônica está relacionada, principalmente, a homens brancos e heterossexuais e tem domínio sobre as mulheres, sobre outros homens e outras facetas do mundo. Ela asfixia ou marginaliza qualquer facção que busca anular seu controle estabelecido ou que ameace sua conceituação de uma identidade global. Segundo Foucault (1987), grupos influentes não se posicionam por meio de monopólios de poder, mas sim pelo estabelecimento de discursos regulados (p. 28). É através do processo de moldar a mente das pessoas com o que é a realidade e os comportamentos que devem ser aceitos que se chega finalmente a um lugar de influência. Tão onipresente é seu domínio sobre o que é considerado “viril”, que a regra da masculinidade hegemônica parece ser normal e natural. Os homens estão constantemente sob o olhar vigilante de outros homens - que estão ocupados em observação e avaliação. Homens que não aderem aos códigos estritos das normas masculinas podem experimentar sofrimento ideal do corpo, isolamento e impotência. Em contraste, aqueles homens que conseguem acesso aos círculos fraternos obtêm um rito de passagem que inaugura a latitude e o poder que frequentemente acompanha sua hegemonia sobre os outros gêneros subordinados.

Pesquisas de estudiosos brasileiros indicam que os homens homossexuais podem vivenciar conflitos de papéis de gênero devido ao *feedback* negativo que recebem da cultura heteronormativa dominante que não reforça a diversidade nas orientações sexuais (FRY, 1982; ALTMAN, 1996, CARRARA; SIMÕES, 2007). Pode-se pensar que para muitos, a homossexualidade aparece como uma negação da masculinidade e os homens homossexuais devem necessariamente, devem ser efeminados. Silva (2021, p. 251) afirma que no interior da comunidade *gay*:

se reproduz um discurso de subalternização dos corpos que performam uma feminilidade. Sendo mais expressivo, a associação da mulher com o *gay* afeminado tem sido requisito para a exclusão na “questão de gosto” na hora de se relacionar, seja afetivamente, sexualmente e/ou amorosamente.

Embora o autor esteja se referindo especificamente à afeminofobia presente nos aplicativos de *internet*, sua premissa pode substanciar ainda mais a ideia de subordinação do comportamento afeminado às idealizações heteronormativas de masculinidade, os *gays* internalizam os estereótipos dos papéis do gênero masculino, especialmente no que se refere ao corpo físico.

Correndo o risco de simplificar demais o mecanismo incrivelmente complexo que constitui o processo do desejo e da sexualidade, o medo de ser associado à feminilidade e de ser desmasculinizado pode levar alguns homens homossexuais a buscar relacionamentos com homens que exemplificam o ideal de corpo masculino. Operando nas sombras da masculinidade hegemônica, as performances de gênero masculinizadas são construídas para influenciar e corroborar as idealizações do que constitui o corpo masculino. Homens *gays* masculinos - portando seus corpos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

viris - manipulam os discursos verbais e visuais em ambientes *gays* e aprimoram seu poder de influenciar o que é considerado esteticamente atraente. Esta ênfase nas características físicas cria inevitavelmente um sistema dualístico entre *gays* discretos e “fora do meio” e *gays* afeminados ou “veadinhos”.

A partir de Butler (2019), pode-se pensar que o desejo, a atração e o sexo possuem normas regulatórias de caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam, ressaltando que o corpo se produz também – e principalmente – pela linguagem usada para referi-lo, linguagem essa que *“não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia”* (2019, p. 34). A autora sugere que a linguagem produz os corpos e os sujeitos (2019, p. 24). É preciso nomeá-lo e descrevê-lo como, simultaneamente, pertencente a um sexo e pertencendo um sexo para que o corpo seja compreendido no domínio do humano. Descrever e nomear os gêneros são também modos de os fabricar e de legitimá-los. Para Butler, a categoria primeira de sexo já é, por si mesma, normativa. As normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo. Propõe Butler, *“para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”* (2019, 2p. 16). As diferenças são construídas no momento mesmo da nomeação dos corpos. O sexo é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é, *“e/le é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna ‘viável’, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”* (2019, p. 17). A identificação do sexo permite que o corpo seja a base material sobre a qual um sujeito generificado legível e inteligível se constituirá. *“Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados; é a sua própria humanidade que se vê questionada”* (2019, p. 25).

Desse modo, as construções das feminilidades e das masculinidades, sempre levadas a efeito a partir da nomeação do corpo ou como mulher ou como homem (nunca como mulher e homem), seriam um conjunto de atitudes, ações, comportamentos que se repetem ao longo de um determinado período histórico obedecendo a orientações construídas e sancionadas culturalmente que dizem como um corpo deve (com)portar-se para ser considerado homem – masculino – ou mulher – feminina, além da própria estilização do corpo, através de gestos, movimentos e representações, fornecendo a ilusão de uma masculinidade ou feminilidade essenciais, negando a materialização do sexo no corpo e a produção dos gêneros como viabilidade política e cultural.

Assim, a masculinidade hegemônica de nossa formação social moderna é representada pela imagem do homem viril e dominador, estando profundamente associada a aspectos de autoridade, domínio técnico e financeiro, agressividade e interesses heterossexuais hegemônicos, resulta que as práticas sexuais da homossexualidade masculina associam-se à heterossexualidade e à dominância. Assim sendo, o homem desejado deve ser representado como a figura descrita acima. A



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

passividade e os comportamentos efeminados costumam ser desvalorizados e tachados como parte de uma masculinidade subordinada, revelando muitas vezes, o caráter performativo das masculinidades.

No caso das masculinidades homossexuais, o estudo de Eccel, Saraiva e Carrieri (2015) afirma que as representações que os homossexuais fazem de si, dizem muito a respeito da masculinidade. Em primeiro lugar, porque se referem à imagem – socialmente representada – do masculino hegemônico, algo que, num contexto social qualquer, reflete o que se espera minimamente dos homens a fim de que sejam considerados como tal. Não se trata apenas de percepção do masculino, mas de ajustamentos diversos no sentido de procurar pertencer ao grupo que possui hegemonia da masculinidade. Estes ajustamentos levam ao segundo elemento: as representações sociais também se referem à autoimagem, uma vez que os indivíduos representam a si próprios em relação a um ideal de masculinidade em vigência na sociedade, ao qual, em muitos dos casos, buscam se ajustar, “sufocando-se”, do ponto de vista simbólico, sacrificando o que é distintivo em termos identitários em nome de um padrão social hegemônico. Por fim, as representações sociais da masculinidade também dizem respeito ao preconceito, porque, em função o modelo predominante do masculino, os indivíduos projetam padrões sociais minimamente aceitáveis para si próprios e para os outros indivíduos, razão pela qual não é incomum que homossexuais discriminem outros homossexuais que apresentem masculinidades “desviantes”, a exemplo dos efeminados, um grupo estigmatizado socialmente.

Assim, a procura em ser “normal”, leva os homossexuais de um lado, a performativa a ideia do homem másculo, que se passa por heterossexual, discreto, que “não dá pinta”. Isso pode ser verificado, por exemplo, nas interações on-line, seja nas salas de bate papo (uol) ou nos aplicativos de encontros como *grindr*, *scruff* e *hornet*. Raros são os perfis de homens que se declaram efeminados ou afeminados como costumam dizer. Trago aqui a descrição de um rapaz de 20 anos, de Campo Grande-MS, que em seu perfil em um desses aplicativos diz: “Não *me venha com essa de discreto, pois tenho orgulho e coragem de ser quem sou; saber o que quer, é fundamental*”. Em sua maioria, é comum nos perfis, a frase “não sou e não curto afeminados”.

Por outro lado, a partir de dados de pesquisa de campo, pode-se verificar que o desejo de homens passivos e ativos está muito voltado para os homens que apresentam características de uma masculinidade hegemônica: Homens com porte físico e comportamento do que poderia se considerar um “macho viril” (construção social do papel de gênero da figura masculina) e a rejeição do seu oposto ou contrário, na imagem do homossexual efeminado, ou conhecido no meio como “pintosa”³.

O fator atração por homens masculinos e rejeição dos efeminados apareceu em todos os homens entrevistados, mesmo entre aqueles rapazes que cultivam uma certa performance de gênero mais feminina como corpo depilado, uso de perfumes femininos, batom, roupas femininas,

³ Homossexual afetado, que dá pinta (fazer trejeitos efeminados, propositalmente ou não; mostrar afetação).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

maquiagem e até mesmo na academia, onde procuram reforçar o trabalho muscular nas coxas e glúteos, uma preocupação mais presente nas mulheres.

Assim, parte dos entrevistados descrevem com uma certa objetividade o corpo e as performances corporais desejadas por eles:

[...] assim com carinha de homem, eu sinto mais atração, e assim “bombadinho”⁴, bonitinho[...] (Entrevistado N^o1).

O porte físico, fortão assim é bonito, geralmente chama a atenção, um corpinho assim [...] uma barriguinha lisinha, quem não gosta, né!? Eu gosto de homem com jeito de homem [...] aquele com “jeito de gay” afeminado, não gosto não [...] “homão” mesmo com atitude de homem, “chucrão” mesmo, homem de fazenda, eu adoro homem de bota e chapéu, fivelão, esses são os que mais me atraem [...] ah, e tem os novinhos com jeito de homem [...] (Entrevistado N^o2).

“Bombado”, mas não casaria com eles, eu acho bonito aqueles caras “bombados”, barriga tanquinho, chama a atenção, fortinho assim, entendeu!? (Entrevistado N^o3).

Eu não gosto de gente muito fresca não, muito “viado”, não curto, é pra ser sincero, né!? [...] então assim, é [...] eu não me relaciono com outro “viado” vamos dizer assim, pra mim ter que ser homem [...] assim na cama entendeu, pelo jeito, por exemplo assim, o “cara” assim tem que ser homem, ter postura de homem, não gosto daqueles afeminados, entendeu!? Tudo bem como se diz, tem gente que se relaciona, é “viado” com “viado” lá nas baladas você vê aqueles “viados” se beijando, não sei o que, pra mim eu não “curto” isso aí não, entendeu!? (Entrevistado N^o4).

Eu gosto de homens com traços masculinos, não gosto de nada muito afetado, sabe!? Afeminado não curto. Tipo eu “fico”, dependendo eu às vezes até “fico” se a pessoa tem um jeitinho mais feminino, mas pra relacionamento não dá certo (Entrevistado N^o5).

O sujeito entrevistado N^o 6, se alonga um pouco mais acerca de suas preferências corporais, tomando como referência seu próprio corpo e tendo uma compreensão que a masculinidade é fluida e construída pela mudança de postura do sujeito, mas também como um processo que envolve a modelagem de um corpo em academias e ao uso da barba e pelos em outras parte do corpo como expressão da masculinidade hegemônica. Acredita em padrões corporais e sexuais, e esses padrões estão relacionados com a idade que o sujeito possui, segundo ele mesmo *“cada idade que completamos esses padrões são diferentes. Por exemplo comigo, meu corpo tenta seguir a época que estou vivendo e a idade que eu tenho”*, ou seja, cada sujeito de uma respectiva idade deve seguir modelos corporais, justificados, segundo ele, no contexto social que esse sujeito está inserido. E, com o passar dos anos, o sujeito tem que adequar seu corpo à sua idade.

Justifica essa proposição usando o próprio exemplo, quando era mais novo o padrão exigia que fosse magro, sem pelos no corpo, delicado, usasse perfume feminino, disse que demonstrava fragilidade com a finalidade de atrair homens mais másculos, seu objeto de desejo, mas também desejava ser protegido. Atualmente, com trinta e dois anos, se tornou mais másculo, fazendo

⁴“Bombadinho” é a expressão diminutiva de “bombado” e significa aquele que toma bomba para parecer forte e musculoso; inflado; inchado; musculoso.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

musculação para definir seu corpo, não se depila mais, não quer mais parecer frágil e nem ser cuidado por outro homem. Para esse sujeito, sua sexualidade possui uma configuração de acordo, também, com a idade que ele se apresenta, diz que

eu era mais passivo quando era mais novo, queria ser cuidado, então vivia minha afetividade e sexualidade buscando alguém para cuidar de mim, mais masculino que eu, que me protegesse, isso, acho que a palavra certa é que me protegesse [...] agora já não tenho a mesma idade, as minhas preferências sexuais também mudaram, sabe? Não tenho mais no meu ideal ser cuidado, não quero ninguém para me proteger, agora eu quero alguém masculino, claro, mas que seja igual a mim, como eu, corpo parecido, gostos, o mesmo conforto que tenho socialmente, ou melhor, claro né? Ninguém quer piorar na vida, queremos sempre melhorar. Sou mais *flex*, então não procuro ser tanto passivo mais, quero ser mais ativo também, quero dominar também. Viu só como meu corpo está agora? Mais musculoso, não me depilo totalmente mais, deixei um pouco de barba. Fico até postando mais fotos do meu corpo no *facebook*.

Constata-se, portanto, depois dessa fala, que o sujeito entende que a manifestação de afeto, deve, também, acompanhar sua evolução corporal ao passo que aumenta sua idade. E essa manifestação, se dá, inclusive, através da exibição do próprio corpo em redes sociais, para ser visto e admirado por outros que fazem parte do seu vínculo social, mesmo que algumas pessoas participem desse vínculo social somente a partir de uma rede social virtual.

Em determinada parte da entrevista, justifica-se dizendo que não é garoto de programa, mas que somente quer sentir-se bem, e que essas mudanças corporais são para o seu bem enquanto sujeito.

Segundo palavras do próprio entrevistado “*lógico que manifesto meu afeto pelo corpo, se é alguém que não me chama atenção eu não consigo me relacionar, tenho que desejar, para eu praticar meu afeto*”, ou seja, só se relaciona com quem desperta atenção dele, e completou descrevendo “*me chama atenção pessoas que são musculosas, quando era mais novo era assim também*”.

Conclui dizendo que onde ele mora na atualidade, Londres, consegue manifestar sua sexualidade de maneira mais tranquila do que em Campo Grande-MS, não se preocupando com agressões verbais e/ou agressões físicas, e justifica que se estivesse inserido em um contexto brasileiro, não conseguiria demonstrar sua sexualidade e afetividade de forma tranquila, pois a sociedade brasileira é conhecida como uma das mais intolerantes quando o assunto é homoafetividade.

O entrevistado nº 7 se identifica como um sujeito que acredita que há padrões a serem seguidos na sociedade, principalmente através da heteronormatividade, e que idolatra o corpo sarado, com suas idas incansáveis para a academia de musculação. Relata que tem desejo de ter um corpo diferente do que tem, porém

Sigo a direção de: “quem tá comendo não está reclamando”. Percebo, justamente, que tem esse padrão em tentar fazer o outro feliz, mas não sou feliz com meu corpo, não me esforço para mudar, mas direciono meu corpo para esse outro. Vejo nas novelas, nas propagandas e nas revistas, tudo que existe para entreter a gente,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

mostra um ideal que depois é seguido, ou nos faz sentir vontade de seguir, em nosso dia-a-dia.

Ou seja, há uma vontade de ter seu corpo enquadrado no padrão masculino heteronormativo e fisicamente atraente; diz que não está feliz com o corpo que tem, faz academia para se adequar e se sente tranquilo em estar se relacionando com outras pessoas, e essas que pessoas não exigem dele um corpo padronizado, embora queira fazer parte de grupo. Reconhece que o ideal corporal existente na sociedade é reflexo daquilo que a mídia mostra diariamente em suas mais diferentes maneiras. Justifica-se, dizendo que não busca homens com padrões que estão socialmente postos, pois,

Como não possuo o corpo tão bonito assim, não busco ele no outro, busco corpos iguais ao meu, que não chegue em um patamar de um padrão. Ela se configura de acordo com meu desejo sobre o outro, e não necessariamente me relaciono com corpo, mas sim com o afeto.

No que se refere a sociedade campo-grandense, relata que é uma sociedade bem conservadora, preconceituosa, que a todo momento, pois há aqui estabelecida uma cultura de segregar o homossexual, segundo palavras do entrevistado “(nós) somos xingados na rua, menosprezados em algumas lojas”.

Segundo ele, as

Pessoas que querem fazer com que a gente reproduza comportamentos de acordo com padrões heterossexuais, não querem deixar a gente que é *gay*, ser *gay* da melhor forma possível, sendo bem viado mesmo, bem descolado.

Percebemos, portanto, que segundo ele, viver em Campo Grande-MS, muitas vezes, impede de ser quem de fato é, pois, a sociedade é vigilante com o comportamento das pessoas, mais especificamente das pessoas homossexuais.

O oitavo sujeito entrevistado reforça a ideia que existe padrões, mas no caso dele, há uma busca da construção de um corpo que se aproxime de mulheres fisicamente atraentes, com a finalidade de ter relacionamentos com homens heterossexuais:

Quero ser corpuda, ter bastante bunda e perna, lembra das panicats? Então, quero ser igual a elas, pois, eu quero me relacionar com homens héteros, então tenho que usar umas roupas femininas. Tenho que usar maquiagem, né? Isso.

Para esse entrevistado, os homens heterossexuais procuram rapazes com características corporais que ele pretende ter. Se identifica com o padrão mostrado em um programa de televisão, no qual as assistentes de palco usavam roupas curtas, com suas pernas torneadas e seus corpos malhados. Através desse trecho pode-se perceber

Tem que estar toda depilada, cheirosa, tem muitos dos caras que são héteros, que gostam de brincar com o brinquedo das gays. Faço academia, tomo suplemento, só que sou bem difícil de engordar. Prefiro fazer exercícios para perna e glúteo, gosto muito de fazer para glúteos, faço braço para pegar resistência, para fazer alguns tipos de aparelhos. Na academia onde eu malho tem muita mulher, me sinto à vontade lá.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

Esse informante, procura um padrão corporal que desperte a atração e o desejo de certos homens que buscam parceiros que realizam fantasias sexuais, performatizando uma certa ambiguidade de gênero ou que não seja apropriadamente generificado. A feitura de um corpo depilado, com musculatura feminina o torna atraente, e explica essa atração relatando que recebe mensagens no *facebook* de inúmeros homens para encontros sexuais e normalmente, pedem para ele passar batom e enviar fotos usando roupa íntima feminina. Diz que

Teve um cara que quis se encontrar comigo e ele pediu para eu ir de batom vermelho e calcinha, daí falei que não curtia muito usar calcinha, mas que batom eu poderia passar. Teve outro que adorava me ver bem afeminado de legging e que ficasse marcando porque ele gostava de passar a língua, sai fora, já dei um bloqueio no facebook.

Prefere se relacionar sexualmente com homens mais velhos que ele, porque o tratam como a parte mais frágil da relação, lembrando sempre que a ideia de fragilidade está associada ao que é feminino, “*homens com uns 40 anos me faz sentir uma mocinha, me dão presentes, pedem para eu usar roupas que acham bonitas*”. Porém, se for para haver envolvimento afetivo e namoro, o entrevistado pensa diferente e prefere rapazes em sua faixa etária, entre 18 e 30 anos:

penso em namorar, mas nunca namorei, porque não consegui encontrar o guri do estilo que eu quero. Gosto de menino bem boyzinho, guri sério, guri que é inteligente, não gosto de guri burro. Sem muita frescurinha, gosto de cabra macho, não gosto de guri que se requebra muito. Olha, aqui em Campo Grande, pode até ter guri nesse estilo, mas é meio difícil de encontrar.

O interesse por namoro existe, mas, argumenta que na cidade de Campo Grande-MS possui poucos rapazes que se encaixam no padrão para envolvimento afetivo. Interessante observar pela descrição, que se atrai por rapazes mais másculos, mas estes, não desejam seu corpo. Todos, inclusive ele, procuram outros homens que representam os padrões de masculinidade hegemônica, “*esses meninos que eu procuro, procuram os guri do estilo deles, não procuram os afeminados como eu, que usam roupas de mulheres e maquiagens, são poucos que gostam do meu estilo*”. Então, seus relacionamentos, pelo menos por enquanto, estão reduzidos a encontros sexuais furtivos com homens acima dos 40 anos, normalmente casados e que não tem um corpo fisicamente atraente, “*os casados que são discretos que mais me procuram, só querem pegar você a noite, são bons porque tem hora que dão presentes*”.

Afirma ainda que é constantemente vítima de homofobia na cidade em razão de ser afeminado. Para ele, é uma cidade que “*agrude homossexuais*” e que já sofreu muito preconceito, conta que uma vez:

Sofri preconceito, bastante, lugar que eu vou é hétero e sempre tem gente que não gosta. Uma vez umas amigas atravessaram a rua e estava passando um carro eu esperei, eles tacaram um copão de vodka com energético, me molharam todinho, mas nem liguei.

Um corpo de homem que não corresponde aos padrões de masculinidade estabelecidos, torna-se ao que Butler identifica como um corpo inviável para viver numa sociedade, na qual, a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

heterossexualidade é normativa. Segundo o informante, diz que sempre que anda pelas ruas da cidade é xingado, ofendido e humilhado por pessoas de carro e moto. Em sua perspectiva, se sente impotente, sem capacidade de reação, já que a ofensa ou a agressão nunca é face a face. As pessoas se sentem protegidas para agredir e manifestar sua homofobia com *gays* afeminados, mas sempre o fazem em condições que não tenham que confrontar o ofendido.

Conta que já sofreu muito por isso, porém agora reage dando tchau ou jogando beijos para os agressores. Prefere fazer isso do que revidar à agressão, pois teme ser vítima de violência física por parte dos agressores

O nono entrevistado, relata que há padrões corporais e de conduta sociais que ditam a sexualidade dos homossexuais masculinos. Segundo ele

Existe um padrão e eu não me encaixo nele, mas gostaria de me encaixar, porém minhas prioridades são outras hoje. Ah, o padrão existente é de homens fortes, geralmente frequentam academia, usam suplemento, são ricos, roupas caras, carro próprio, fazem questão de mostrar as marcas, são homens que podem sair mais à noite e tem vida social ativa, sabe aquelas propagandas de perfume? Homens com o corpo bonito, de roupas, cabelos e relógios bonitos. Outra característica é de homens que não demonstram ser *gays*, que não são afeminados.

Além de dizer que existe um padrão corporal, por frequentarem academia de musculação, diz que não são e, nem podem ser, afeminados, pois estariam fora desse padrão, além do mais existe um modelo de vida social que dita quem está no padrão, bem como a situação socioeconômica são essenciais para que esses sujeitos estejam inseridos de forma completa no mundo social, não apenas dos *gays*, mas de toda sociedade. Para ele, a *mídia*, através das “*propagandas de perfumes*” mostram como são esses homens devem ser, que corpo devem ter, como devem se vestir e se comportar para ser objeto do desejo tanto de mulheres quanto de outros homens.

Salienta que o padrão existe e se configura como um corpo cuidado, com aparência masculina e comportamento heteronormativo em público. Na visão do entrevistado, na comunidade gay esse cuidado só depende do indivíduo, portanto, quem não busca seguir as lógicas de pertencimento, são excluídos e responsabilizados, já que não tem uma preocupação com suas atitudes e aos cuidados em se manter magro, fazer academia e manter o corpo “*sarado, como se costuma dizer por aí*”.

Eu busco esse padrão que disse acima, saio, vou às boates, lá encontro esses padrões, mas isso não quer dizer que eu fique com eles. Porque estou fora do padrão que eles buscam também, não conseguindo me relacionar com o padrão que busco, tento encontrar alguém que esteja enquadrada de maneira próxima a isso que busco.

Assim, como o sujeito da entrevista anterior, ele também procura por homens que seguem a estética predominante, mas argumenta que embora isso oriente seu desejo, tem consciência que não é desejado por estes homens, então, acaba por se relacionar com tipos que se aproximem, pois precisa viver sua sexualidade.

Nas oportunidades que tive vivenciei minha sexualidade sem delimitar ambientes para vivê-la. Hoje busco atender minhas necessidades biológicas que é o sexo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

apenas, não tenho espaço em minha vida para viver relacionamento. Mas, quando eu encontrar alguém que eu goste, por mais que eu não tenha espaço para viver isso, encontro esse espaço para eu viver aquilo que sempre busquei, um relacionamento.

O entrevistado diz que não tem nenhum tipo de resistência em viver sua sexualidade em qualquer ambiente que quiser, porém quando pensa em estabelecer algum tipo de relacionamento afetivo, usa como explicação a “*falta de espaço em sua vida*”, e que no momento, interessa apenas o atendimento de suas necessidades sexuais, no entanto, logo em seguida diz que se encontrar “*alguém que esteja dentro dos padrões de beleza dominantes*”, arrumaria espaço em sua vida e teria um relacionamento.

A questão da homofobia também aparece em sua fala explicando que a sociedade local tem uma “*mentalidade bovina*”⁵, com muito preconceito contra os homossexuais, assim, diz que não demonstraria afeto em público para outro homem, pois tem medo de ser agredido e ofendido, pois, para ele, o campograndense não sabe conviver com a diferença. Em sua descrição, preconceito aparece, inclusive na própria comunidade *gay*, percebe isso, ao se referir aos rapazes afeminados, que acabam sendo rejeitados como potenciais parceiros sexuais e afetivos.

Analisando o conteúdo das entrevistas, se pode perceber que desde o estabelecimento da homossexualidade como categoria psiquiátrica na segunda metade do século XIX, ela tem sido considerada antitética à masculinidade, nesse sentido, todo tipo de homossexualidade ou transexualidade é demonizada, rejeitada e patologizada, sobretudo, quando homens apresentam performances e corpos que se aproximam da feminilidade. Isso é uma herança das crenças científicas e populares dos últimos dois séculos, que sustentaram que a homossexualidade masculina deriva e ao mesmo tempo expressa algo de “feminino” no homem e ausência de níveis apropriados de masculinidade. Recorrendo a Foucault (1999, p. 44), os desejos, a atração e/ou práticas sexuais entre *gays* passaram então a definir um tipo específico de homem, “o invertido sexual”. Com esse movimento, o homoerótico foi expulso do masculino, patologizado e simbolicamente assimilado ao feminino e à monstruosidade ou mesmo ao abjeto nos termos utilizados por Julia Kristeva (1982, p. 9). A associação feminilidade-passividade e homoerotismo é um fenômeno da moderna já que não o foi em outros momentos sócio-históricos. Por outro lado, a heterossexualidade tornou-se, nesse período, um requisito de virilidade e masculinidade.

As entrevistas permitem ainda, discernir a masculinidade como construção simbólica que varia cultural e historicamente como afirmado anteriormente por Kimmel (1997; 2005) e Connel (1992). Um conjunto de narrativas, discursos e significados imaginários em constante mudança que os sujeitos constroem intersubjetivamente por meio de relações consigo mesmos, com outros homens *gays* e com mundo social; concebendo como algo estabelecido e universal. Da mesma forma, a construção social da masculinidade verbalizada em suas falas, é normativamente regulada,

⁵ Expressão de uso comum entre muitos habitantes locais, em razão de Mato Grosso do Sul ser conhecido por ter um dos maiores rebanhos bovinos do Brasil.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

pois aparece sujeita a prescrições e restrições que - como dito anteriormente - sempre variam de acordo com o tempo e o lugar. A partir do momento em que se determina se é homem ou mulher, existe um tratamento diferenciado de acordo com a referida designação. As características sociais e culturais do masculino e do feminino estão inscritas nos corpos como afirma Butler (2019) desses homens desde a infância; ora pendendo mais para a virilidade, ora pendendo para a feminilidade tanto no exercício dos papéis de gênero, quanto nos papéis sexuais que lhes foram atribuídos.

Outro dado importante a ser acrescentado, é que o exercício de uma masculinidade heteronormativa pode também estar associada ao medo da agressão, da ofensa e de estar numa posição social inferiorizada, lugar comum do gênero feminino, tendo em conta, a concepção sociocultural que a homossexualidade é representada pela ideia de ausência do masculino na vida de certos homens.

Gomes, Reis, Kurashige (2014) em pesquisa sobre casos homofobia e violência, apontam que apenas em três anos (2006 a 2009) 18 homossexuais masculinos foram assassinados em Mato Grosso do Sul e apenas um caso teria sido resolvido pela polícia. Todas as descrições dos crimes cometidos revelam uma situação de ódio contra as vítimas, sempre cruelmente assassinadas (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014, p. 151-153).

Há ainda descrição de casos de violência no âmbito familiar quando se descobre que o filho (a) é *gay* ou *lésbica*. Essa violência surge na forma de surras, espancamento e banimento do grupo familiar (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014, p. 154).

A homofobia e o receio de estar associado à feminilidade aparece ainda em outra pesquisa de Reis (2021) sobre *bullying* homofóbico entre crianças e adolescentes nas escolas públicas de Campo Grande-MS.

A partir da pesquisa de campo, o autor percebe que no mundo masculino, já na infância, e início da adolescência, os afetos e as emoções são considerados um sintoma de debilidade e indícios de uma virilidade insuficiente, sendo sempre reforçados nas brincadeiras entre os meninos e nas repreensões que fazem a garotos que possam ter um comportamento mais afeminado. Atribuir apelidos femininos a outros meninos com corpos mais frágeis e que se recusam a jogar futebol e gostam de arte, ou ainda, a professores aparentemente *gays* é uma prática constante no ambiente escolar pesquisado (REIS, 2021, p. 418).

As características que enaltecem a forma física e comportamentos masculinos descritos nas entrevistas estão diretamente associadas à construção social dos papéis de gênero. Os discursos acima nos remetem à questão de que o repúdio a *gays* afeminados reforça, na verdade, padrões heteronormativos de masculinidade e feminilidade. Quando os sujeitos dizem “*gosto de homem mesmo, com atitude de homem, chucrão*” e falam que aquele rapaz com “*jeito de gay afeminado, não gosto não*”, eles estão postulando que existem normas regulatórias para a atração, o desejo e o sexo, mesmo que seja ocasional. A situação se torna mais aguda para os homens que podem ser identificados como a “*bicha*” ou a travesti subvertem estas normas de gênero e sexualidade, como é



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

o caso do oitavo sujeito entrevistado. De fato, este parece ser um dos motivos pelos quais os homossexuais afeminados são discriminados tanto por heterossexuais quanto por homossexuais.

O sujeito homossexual teria a tendência de adotar como suas, as atitudes consagradas da masculinidade hegemônica, dita como “normal”, estratificando seus similares conforme a visibilidade e as performances de gênero (masculina, feminina), da mesma forma que é discriminado, visto que é nesta mesma sociedade que o indivíduo adquire os modelos de identidade os quais acaba por aplicar a si e aos outros, a despeito de se sentir confortável ou não com este rótulo.

Assim, ao que parece, é quase obsessiva a fixação da identidade masculina, através da negação do feminino. Dentro desta lógica, as características físicas e performáticas apresentadas por cada sujeito desempenham um importante referencial nas escolhas afetivas e sexuais, reforçando uma noção estereotipada de masculinidade e feminilidade, muitas vezes, estendida, inclusive, aos papéis sexuais entre os parceiros. Na representação do ato sexual entre dois homens, o sujeito que performatiza a masculinidade deveria exercer um papel ativo e não perderia seu *status* de “homem verdadeiro”, pois o estereótipo do homem passivo está associado ao “viado”, como dito em uma das entrevistas, oposto ao homem ativo e viril.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas e da bibliografia discutida, pode-se perceber que o corpo ganha forma em sua relação com os dispositivos de poder que circulam por intermédio das práticas sociais e dos discursos, constituindo, desta feita, subjetividades no que se refere aos desejos, a atração, o sexo e os afetos, constituindo-se como normas regulatórias presentes no processo sociocultural que alimentam e reproduzem o controle social, definindo papéis de gênero e representações de masculinidades estabelecidas.

A produção corporal, sexual e afetiva de homens *gays* na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, tem presente uma considerável necessidade de seguir padrões de atração e desejo existentes na sociedade, marcados, sobretudo, pelo ideal de masculinidade hegemônica, caracterizada por homens fortes, másculos e viris. Percebe-se o papel da propaganda e de outras mídias eletrônicas, como os aplicativos de encontros utilizados nos *smartphones*, como espaço, ainda que digital, de reforço desta ideia de masculinidade, a partir da exibição de corpo definidos em academias de musculação, ou ainda, acompanhado de imagens que demonstram uma situação socioeconômica exitosa de homens acima dos quarenta (40) anos, que possam despertar interesse em rapazes mais dependentes economicamente.

Percebe-se ainda que os padrões corporais desejáveis, por vezes, são seguidos por muitos sujeitos em busca de uma vida sexual e afetiva, em consonância com seus desejos e vontades. Corpos padronizados, que não estejam acima do peso e que sejam musculosos, másculos, não afeminados e que, por vezes, possuam uma condição socioeconômica estável. A preocupação destes sujeitos com sua autoimagem, claramente, não é uma apenas questão pessoal, mas, parece



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

resultar, em larga medida, da modalidade de afirmação da condição sexual, do modo como cada sujeito entende e agencia as condições materiais, sociais, históricas e culturais que formam a teia de relações de poder presente também entre os gêneros.

Assim, as expressões da sexualidade e gênero, são estruturadas, construídas e aprendidas nas relações sociais. Pelo caráter que adquiriram nos últimos dois séculos de fixidez, as identidades sexuais acabam circunscritas a uma lógica binária do sexo, a qual oferece categorias de classificação das diferentes experiências, práticas e papéis sexuais vivenciados pelos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: sobre os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CONNELL, R. W. A very straight gay: Masculinity, homosexual experience, and the dynamics of gender. **American Sociological Review**, v. 57, n. 6, p. 735–751, 1992.

COUTINHO, André Luiz. Desejo e “aplicativos de pegação” gays: A busca de parceiros (homo)sexuais baseada em imagens heterossexualizadas. **REBEH.**, v. 03, n. 10, p. 59-72, abr./jun. 2020.

ECCEL, C. S.; SARAIVA, L. CARRIERI, A. masculinidades, autoimagem e preconceitos em representações sociais de homossexuais. **Revista Pensamento Contemporâneo de Administração**, v. 9, n. 1, p. 01-15, jan./mar. 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FRY, Peter. **Para inglês ver. identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Ana Maria, REIS, Aparecido Francisco dos Reis, KURASHIGE, K. D. Violência e homofobia: um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, p. 143-156, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Vol. 1.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes: 1997.

KIMMEL, M. S. Masculinity as homophobia: Fear, shame and silence in the construction of gender identity. In: GERGEN, M. M.; DAVIS, S. N. (Eds.). **Toward a new psychology of gender**. Routledge-Frances: Taylor, 1997. p. 223–242.

KIMMEL, M. S. The Role of Women in World Peace & The Role of Men and Boys in Gender Equity. **Women's Studies Review**, p. 102-114, 2005.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

“GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: AS CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO
E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL
Aparecido Francisco dos Reis, Angelo Luiz Ferro, Felipe de Moraes Rodrigues

LIMA, Danilo Mota. **Nada contra, apenas não curto**: educações e construções do corpo afeminado. 2017. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação) - - Universidade Federal da Bahia, FACED, Salvador, 2017. (no/pelo)

MELO, Thiago Benitez de; SANTOS, Maria Elena Pires Santos. Discreto, sigiloso, não afeminado: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. **CS Online – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 31, p. 219-269, 2020.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MISKOLCI, R. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. *In*: PELÚCIO, L.; SOUZA, L. (Orgs), **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 35-55.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NUNES, Diego Miranda. **a produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo tinder em Rio Grande – RS**. Dissertação (Mestrado) – Furgs – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

REIS, Aparecido Francisco dos Reis; CAMPOS, Fernanda Chaves. A sexualidade e as relações de gênero na construção da afetividade das mulheres lésbicas. **Rease**, v. 7, n. 4, p. 829-843, 2021.

REIS, Aparecido Francisco dos Reis; SILVA, Carlos Eduardo Reis da. Erótica dissidente: A violência e a (re)invenção do corpo e do gênero entres as travestis. **Braz. J. of Develop.** Curitiba, v. 6, n. 7, p. 47178-47191, jul. 2020.

REIS, Aparecido Francisco dos. Bullying, homofobia e violência no espaço da escola: Pensando gênero, sexualidade e práticas sociais a partir de uma pesquisa de campo. **Conjecturas**, v. 21, n. 2, p. 409-425, 2021.

REIS, Aparecido Francisco dos. O processo de construção da identidade de gênero e transexualidade: narrativas, trânsitos e diferenças. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 10, n. 28, p. 93-116, 2019.

RIBEIRO, Leonídio. Ciência, homossexualismo e endocrinologia. **Rev. Latinoam. Psicopatologia**, v. 13, n. 3, p. 498-511, set. 2010.

SILVA, Fabricio Campos Longo da. Rebolando para entender os memes: performatividade masculina e disputas identitárias em festas gays e linguagem da internet. **Revista Habitus**, IFCS – UFRJ, v. 16, n. 1, 2018.

SOUZA JUNIOR, João Carvalho de. A construção do outro nos perfis dos “apps de pegação” gay/bi. **Anais eletrônicos do v seminário formação de professores e ensino de língua inglesa**. vol. 5, 2019. 12 e 13 de agosto de 2019 São Cristóvão/SE, UFS. p. 442-457.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.